

ARTIVISMO E RESISTÊNCIA NA OBRA LIMITE ZERO, DE BERNA REALE

Bruna Augusta Marques (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Patrícia Lessa dos Santos (Orientadora), e-mail: Bruna-augusta_@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Área: Educação (7.08.00.00-6)

Subárea: Fundamentos da Educação (7.08.01.00-2)

Palavras-chave: Performance, Berna Reale, Limite Zero.

Resumo:

Essa pesquisa teve como foco a análise da obra Limite Zero, da artista brasileira Berna Reale, partindo da concepção de Artivismo, que relaciona a criação artística com o ativismo social. Considerando o corpo, por meio da performance, uma estrutura de crítica social, contra a instrumentalização de seres humanos e não humanos em nossa sociedade. Junto a isso, nos propomos a pensar também o conceito de resistência, questionando a objetificação de vidas. Construindo assim novos caminhos para produção de subjetividades. Dessa maneira a obra foi analisada através de uma relação de humanidade-animalidade, entre corpos humanos e não humanos, promovendo um olhar mais sensível e crítico com relação as nossas atitudes. Essa pesquisa é de cunho bibliográfico e documental, analisando a performance em suas relações éticas e estéticas. A base conceitual é o estudo das relações entre o corpo humano e não humano na arte, partindo dos conceitos de multiespécie do ser/com/o/animal, de Donna Haraway (2011).

Introdução

Limite Zero (REALE, 2011), é uma performance realizada pela artista brasileira Berna Reale. Tal ação ocorreu na cidade de Belém do (PA), onde a artista desce de um caminhão frigorífico, pelo que pode ser observado pelas fotos, amarrada pelas mãos e pelos pés, em uma longa barra de ferro, sendo carregada por dois homens, que tendem a parecer açougueiros. Assim, a artista é carregada nua, como um animal não humano pelas ruas de Belém. Pelo que pode ser analisado a partir dos registros, tal ação despertou grande choque e surpresa sobre aqueles que por ali passavam no momento da ação. Dessa forma, tal choque e a inversão de papéis entre humanos e não humanos será questionada a partir da problematização da mercantilização de corpos em prol do capital. Como base teórica para

nortear essas discussões nos apoiaremos no conceito de multiespécie desenvolvido por Donna Haraway, para tecer relações entre animais humanos e não humanos, investigando as relações de poder, que podem ser percebidas a partir de Limite Zero. Dessa forma, serão averiguadas questões sociais que atravessam aquele corpo, que se caracteriza em um primeiro plano como o corpo de uma mulher sendo carregado após o abate como o corpo de um animal não humano.

Materiais e métodos

Essa pesquisa caracteriza-se por ser bibliográfica e documental, utilizando como material de análise para tecer estas discussões os registros fotográficos da performance Limite Zero. Junto aos textos de Donna Haraway, traçando relações de humanidade e animalidade a partir do contexto social e histórico em que esta performance se insere. A partir destas conceituações analisamos a obra Limite Zero, de Berna Reale, em um enlaçamento entre o corpo/humanidade/animalidade e a natureza.

Resultados e Discussão



Figura 1: Limite Zero, 2011, registro fotográfico de performance

Nossa pesquisa foi norteadada a partir de questionamentos que giram em torno das formas de poder que agem sobre as relações entre humanos e não humanos, sendo delineadas com base na obra Limite Zero, em que inscrevemos sobre esse corpo uma problematização nas formas com que vemos, tratamos e nos relacionamos com outras formas de vida. Ao observamos este corpo humano, sendo carregado como o de um animal não humano somos tomados quase que instantaneamente pela surpresa e estranhamento. Reconhecemos que tal ação acontece em nosso cotidiano, mas parece que só no momento em que tal ato acontece sob a forma de

nossa constituição material que há de fato um reconhecimento das estruturas de opressão, segregação e crueldade que nos cercam. Sob estas formas de relação com o meio que nos circundam, utilizamos o conceito de “tornando-se-com”, que é discutido por Donna Haraway, para tratar de uma nova forma de conceber as estruturas vivas que nos cercam, como partes integrantes de nossa constituição. Dessa forma, a referida autora concebe os animais humanos e não humanos de modo não hierarquizado, não sendo possível a justificação de violência entre ambos em razão de eventuais diferenças. A partir disso, nós também nos reconhecemos como animais, em estado “incorporado e inter-relacional”, (GALINDO; MILIOLI; PERES, 2017, p.98), ou seja, cercados por diversas formas de vida, tanto na constituição de espaços sociais quanto na materialidade orgânica do indivíduo, de modo que mesmo que o corpo seja unitário, este é habitado e constituído por múltiplas formas de existência. Dentro deste contexto, introduzimos uma análise da performance “Limite Zero” a partir de um olhar “multiespécie” proposto por Donna Haraway (2011), para se refletir o reconhecimento das formas de vida de modo entrecruzado e permeado por múltiplas subjetividades. Assim, procuramos uma nova forma de olhar nossa constituição, não como um ser aparte, mas um ser “g/humano”, que na concepção da autora deve caracterizar “uma prática material multiespécies, assim como a natureza humana é uma relação multiespécies, um 'tornando-se com, não uma coisa em si mesma” (Haraway, 2011, p. 399, apud ARADENT; MORAES, 2016). É a partir deste reconhecimento que cabe problematizar a performance “Limite Zero”, visando denunciar estas relações hierárquicas em nossa sociedade, tendo como foco para nossa análise a figura feminina e a violência ao animal não humano, em que ambos são reduzidos a recursos mercantis para o abastecimento do capital. “Quando a vida parece inteiramente submetida aos desígnios do capitalismo global, a resistência passa a ser expressa como luta para reapropriá-la” (Oliveira, 2008, p.70). Nesse sentido, “Limite Zero” demonstra em seu universo paralelo que cria durante o momento da performance e em seus registros uma realidade que causa choque e mobiliza mudanças.

Conclusões

Assim, entendemos que a performance “Limite Zero”, de Berna Reale, está inserida em uma perspectiva poética animalista, pois ela descentraliza o olhar humano sobre si a fim de fazer outras abordagens focando em suas ações de dominação e exploração com a natureza e meio ambiente, utilizando o corpo no momento desta ação como estrutura de crítica social contra normas e padrões sociais pré-impostos.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora professora Patrícia Lessa do Santos, por estar presente durante todo o percurso desta pesquisa, e a todas as outras professoras que de forma indireta também contribuíram para o

desenvolvimento de referencial teórico neste trabalho. Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento desta pesquisa.

Referências

Arendt, Jacques; MORAES, Marcio. O projeto ético de Donna Haraway: alguns efeitos para a pesquisa em psicologia social. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del Rei, janeiro v.11, n.1, p.11-24. 2016. Disponível em: < file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Texto%20Final-PIBIC%202018/Projeto%20estico%20de%20donna%20warawey.pdf> Acesso em: 10 jul.2018.

MILIOLI, Daniele; GALINDO, Dolores; PERES, Wilian Siqueira. Aliança multiespecie e subjetivações trans-humanas: In LESSA, Patrícia; GALINDO, Dolores. *Relações multiespécies em rede: feminismo, animalismo e veganismo*. Maringá, Eduem, 2017.

OLIVEIRA, Lucia. M.B. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. **Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v.34, n.2, p.61-71, dez,2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/eaic/CORPOS%20QUE%20ESCAPAM%20AÇÃO%20CULTURAL%20COMO%20RESISTÊNCIA.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2018.

HARAWAY, Donna; AZEREDO, Sandra. Entrevista de Sandra Azeredo com Donna Haraway. In: MACIEL, Esther (org.). **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Universidade Federal de Santa Catarina: 2011, p. 316-332.